



KERN, Leslie. **Ciudad feminista**: la lucha por el espacio en un mundo diseñado por hombres. 1ª Ed. Traducción Renata Prati. Buenos Aires: EGodot, 2020. 208 p.

Reges Sodré – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil
regessodre@gmail.com

Leslie Kern é uma geógrafa feminista canadense. Atualmente ela é professora associada de geografia, meio ambiente e diretora de estudos sobre mulheres e gênero na Universidad de Mount Allison, de Sackville, Canadá. Ela tem diversos trabalhos na área de geografia urbana nos temas de feminismo, gênero e gentrificação. O livro ora resenhado, “ciudad feminista”, publicado originalmente em 2019, tem se transformado em rápido sucesso editorial, tendo sido traduzido na Alemanha, Argentina e recentemente no Brasil. Ciudad feminista está dividida, além da introdução, em cinco capítulos. O texto é escrito em primeira pessoa, quando a autora narra suas experiências e trajetória de ser mulher em diversas cidades, desde Londres, Toronto, Nova York e Sackville. Os relatos pessoais são fundamentados em sólido levantamento teórico e apoiado em pesquisas realizadas pela própria autora para trabalhos anteriores.

O argumento central da introdução, e que vai permear todo o livro, aponta que a cidade é um espaço desenhado por e para os homens e hostil com as mulheres, especialmente as pobres e pretas. Para isso, ela faz um pequeno histórico de como os corpos das mulheres desde o Antigo Regime foram e seguem sendo vistos como uma “fuente o señal de los problemas urbanos” (KERN, 2020, p. 15).

O primeiro capítulo é intitulado “ciudad de madres”, onde ela narra com riquezas de detalhes como a experiência da maternidade é transformadora das geografias de uma grávida e, posteriormente, da mãe. E boa parte dos câmbios são negativos porque a estrutura das cidades é expressão do sexismo. Ela cita a dificuldade que o próprio corpo de uma grávida tem na ocupação de espaços no transporte coletivo; os empecilhos para locomoção do carrinho de bebê, que encontra pela frente calçadas com desníveis,

escadas (curvas), falta de espaço e portas giratórias ou os ruídos que a criança faz em lugares de uso coletivo.

Embora as mulheres sofram frequentemente com comentários e toques em seu corpo não solicitados, a gravidez eleva a outro patamar essas experiências invasivas, principalmente nos espaços públicos. Kern (2020, p. 40) comenta que quando estava grávida “la gente interpretaba mi panza como si llevara escrita la leyenda: ‘¡Acaricie aquí!’”. Esse conjunto de experiências colocam em xeque a possibilidade de “la *flâneuse*” das mães e grávidas.

Ela conclui esse capítulo preconizando um novo planejamento urbano, que leve em conta relações de gênero, mas não somente da mulher branca, cis e de classe média, mas igualmente das pobres, negras, trans, indígenas, com deficiências e periféricas. Assim, “una ciudad feminista debe ser una ciudad en la que se dismantelen las barreras —físicas y sociales—, donde todos los cuerpos sean bienvenidos y tengan lugar. Una ciudad feminista debe poner el foco en el cuidado” (KERN, 2020, p. 72).

No capítulo dois a discussão se dá em torno das “ciudad de amigas”, entendida como um modo de vida capaz de estimular a construção de um outro mundo urbano. As alianças entre mulheres são analisadas desde a adolescência como elemento imprescindível contra a insegurança. Por meio da solidariedade e da ajuda mútua as mulheres constroem maneiras de se defender contra diversos riscos cotidianos.

Kern cita um exemplo marcante de ajuda mútua. No período do doutorado e com uma filha pequena, ela encontrou tempo para estudar se associando a uma colega que também tinha filho pequeno; então quando uma estudava, outra estava cuidando das duas crianças. Uma cidade feminista seria estruturada para que vínculos dessa natureza sejam potencializadas e avancem para outras áreas, como por exemplo, com a construção/fortalecimento de habitações sociais. Por que não a criação de programas voltados para mães e idosas?

O terceiro capítulo, “ciudad de soledad”, dedica a analisar o direito (e a dificuldade em realizá-lo) que as mulheres têm a solidão nos espaços públicos e privados. Ela inicia citando a estratégia de usar o fone de ouvido “contra las demasiado comunes y casi

siempre no deseadas intromisiones de los hombres”. Assim, seja por “conversaciones no solicitadas o incidentes y situaciones de acoso callejero he evitado o no he notado gracias a mis auriculares” (KERN, 2020, p. 108).

Segundo Kern (2020, p. 119), “la clave es la siguiente: de una mujer sola, siempre se presume que está disponible”. Assim, uma das estratégias das mulheres quando são abordadas por homens é dizer que tem namorado ou marido, já que estes respeitam a propriedade de outro homem muito mais do que o “não” da boca de uma mulher.

A morfologia das cidades é hostil às mulheres e a necessidade de estarem sozinhas em momentos de urgência. A autora levanta a condição dos banheiros, quase sempre ausentes dos lugares públicos ou sem a mínima estrutura para a troca de absorventes (e às vezes a necessidade de tomar banho) e fraldas de crianças, o que põe em risco a vidas das mulheres do ponto de vista sanitário e da violência.

A ausência do direito à livre prática espacial no âmbito público se estende também a negros e pessoas com deficiência. Ela menciona diversos acontecimentos nos Estados Unidos em que negros foram presos simplesmente por estarem no espaço público sem fazer nada; a esses é negado o direito ao *flâneur*. Empurrões e grosserias com deficientes são comuns e ajudas que “muy a menudo no es sino una expresión de impaciencia o de hostilidad apenas disimulada” (KERN, 2020, p. 116).

Diante disso, uma cidade feminista proporciona as mulheres (e demais minorias) o direito de se apropriar dos espaços públicos sem serem importunadas por homens que imaginam que elas estão a sua procura. Essa mesma autonomia deveria ser estendida aos espaços de uso coletivo, passando a ser natural uma mulher estar sozinha em uma mesa de restaurante. Já no espaço doméstico, uma melhor divisão do trabalho poderia ampliar os momentos em que a mulher possa ter consigo mesma, sem filhos e marido.

No penúltimo capítulo, “ciudad de protestas”, a autora vai analisar sua experiência na participação em protestos e ao mesmo tempo as limitações as quais as mulheres estão submetidas para participar desse tipo de prática espacial. Ela assinala que o direito e a construção de uma cidade feminista não cairão do céu, mas terá de ser construído com luta social.

Kern diz que aprendeu, ao participar de diversos protestos e ouvir a críticas de outras minorias (negros, deficientes e transexuais), que eles podem se realizar com privilégio, opressão e práticas violentas. Para começar, boa parte das manifestações são escandalosamente pouco inclusivas, desde os lugares de encontro, passando pelo deslocamento (às vezes em ritmo rápido), até as canções e cartazes capacitistas.

Dessa forma, os protestos de esquerda, adverte Kern, frequentemente reproduzem em sua organização e execução a mesma lógica de misoginia que constitui a sociedade em geral. Uma forma de observar isso é a divisão do trabalho que se impõe, ficando a parte pública dos movimentos com os homens e a de cuidado (domésticas e emocionais) com as mulheres.

Mas, conforme Kern (2020, p. 154), o pior de tudo isso é que “con frecuencia los compañeros militantes representan un peligro para las mujeres”. E, ainda por cima, em muitos movimentos “el acoso y el abuso sexuales son un secreto a voces, pero suele alentarse a las mujeres a mantenerse calladas por el bien de la causa”. Esse tipo de conduta interdita qualquer possibilidade de transformação radical da sociedade no seio mesmo dos movimentos sociais.

No último capítulo, “ciudad de miedo”, a autora relata como a cidade desenhada por homens se traduz em uma urbe do medo para as mulheres, mas também assinala possibilidades de resistências, que em certos momentos são similares a noção foucaultiana de “governo de si”. Ambas posturas são correlatas e surgem desde a socialização primária das “chicas”, que recebem “instrucciones muy explícitas: debemos temer a los extraños, a los espacios públicos y a la noche” (KERN, 2020, p. 174).

No entanto, Kern alerta que as violências sofridas pelas mulheres acontecem especialmente no espaço privado (doméstico e de trabalho) e que é um equívoco quando as pesquisas enfocam apenas no espaço público. Esta atenção diferencial serve para reforçar a instituição patriarcal da família nuclear e a confiança de que relações heterossexuais oferecem segurança. O resultado é a invisibilidade das violências realizadas no espaço doméstico.

Uma forma de defesa que muitas mulheres acabam por adotar – segundo Kern –, é a de corpo-território, pensando em quais roupas vestir, nas maneiras de sentar e espaços a evitar ou procurar frequentar, como as ruas mais ou menos iluminadas. Mas isso demanda um estado de vigilância constante, implicando um alto custo que “impiden a las mujeres llevar una vida plena, libre, independiente en la ciudad” (KERN, 2020, p. 178).

A autora aponta então que são necessárias modificações sociais e espaciais profundas para que a cidade se torne feminista, garantindo liberdade não apenas para mulheres, mas para todos aqueles mais vulneráveis. Do ponto de vista do planejamento urbano ela defende a necessidade de melhorar a iluminação, a visibilidade, instalação de botões e telefones de emergência em parques, estacionamentos e campus universitários. Cita experiências que vem sendo adotadas em alguns países, como espaços exclusivos para mulheres no transporte coletivo e o uso de aplicativos.

Em suma, é um livro que nos convida a ter outros olhares para a cidade e a Geografia. É aprender a necessidade de se colocar outras questões – de mulher, deficiente, gênero, racial, transexual, etc. E esses olhares e questões passam pela construção de uma espacialidade que estimula o cuidado, a generosidade e a justiça. Como diz a autora no último parágrafo, “la ciudad feminista es un experimento en marcha sobre el arte de llevar una vida distinta, mejor y más justa en el mundo urbano”.

Reges Sodré - Graduado em Geografia, Licenciatura, pela Universidade Federal do Tocantins (2014). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2016). Doutorando em Geografia pelo IESA/UEG. Desenvolve pesquisa sobre rede urbana, violência urbana, cidades médias e pequenas. É membro do grupo de pesquisa Estudos Geográficos da Amazônia e do Tocantins - GEGATO e participante do Redes e Produção do Território (GÉTER). Durante a graduação foi bolsista de Iniciação Científica (2011-2013, PIBIC/CNPq) e monitor de Climatologia (2013-2014).

Recebido para publicação em 04 de junho de 2021.

Aceito para publicação em 16 de Agosto de 2021.

Publicado em 19 de Agosto de 2021.